

O Brasil da Europa

Temos de olhar para os números e para os melhores exemplos internacionais, para que possamos ter uma estratégia de longo prazo que melhore a situação de Portugal e dos portugueses

Qu a l q u e r país tem os seus mitos, enraizados em lendas e histórias que atestam a sua unicidade. O Brasil, “país abençoado por Deus e bonito por natureza”, tal como descrito por Jorge Ben Jor, é um país que vive na ilusão da sua singularidade, mas que não conseguiu nunca, nos seus quase 200 anos de nação independente, revelar o seu potencial. Um país permanentemente envolto em crises económicas, políticas, com os seus caciques e (alegadamente) cheio de corrupção. Um país sempre adiado, do que vai ser mas nunca é.

Em Portugal também somos assim. Vivemos de crise em crise, com momentos de euforia e outros de depressão, sempre na ilusão de um futuro melhor, sem sabermos como lá chegar ou o que fazer. Em bom rigor, nem sequer sabemos bem o futuro que queremos. Sabemos que queremos que seja melhor, mais justo, mais qualquer coisa. Olhamos para o hoje, mas nunca para o amanhã.

Passados mais de 40 anos de democracia e mais de 30 anos de UE, está na altura de mudarmos o nosso *mindset* e de começarmos a ser mais exigentes, connosco e com quem nos representa. Devemos discutir que Portugal queremos, não para hoje, mas para os próximos

20 anos. Precisamos de definir o modelo económico que pretendemos para nós e para as gerações futuras. Precisamos de estratégia e de pensamento a longo prazo. Precisamos de instituições fortes, que funcionem, e de cidadãos conscientes de que o Estado somos nós e não uma qualquer entidade abstrata. Foi sempre isso que nos faltou e que fez de Portugal um país permanentemente adiado.

Não podemos continuar no mesmo caminho que nos faz ficar cada vez mais para trás. A carga fiscal continua a aumentar, atingindo valores recorde, pelo menos desde 1995, mas os serviços públicos são cada vez piores. Gastamos mais e temos menos. Menos saúde, menos segurança social, menos futuro.

Precisamos de discutir os problemas e apresentar soluções, para que, enquanto sociedade, possamos competir numa economia global, mais exigente e menos sujeita a ideias concebidas no passado que não se adaptam ao presente e não funcionarão no futuro.

Eis a realidade: Portugal é um país pequeno e periférico, uma economia aberta e dependente do que acontece à sua volta. Não temos um mercado interno suficientemente grande para ser interessante e é necessário atrair investimento externo e captar talento. Precisamos de discutir como fazê-lo: o rendimento dos portugueses es-

POR
BRUNO CARNEIRO



> CEO da Servdebt

tagnou face à média dos países da União Europeia nos últimos 25 anos e está abaixo dos níveis de 1995, revelou recentemente o Banco de Portugal. Estamos no 21º lugar entre os países da UE, quando em 1995 estávamos em 16º lugar.

Em Portugal, teimamos em desconsiderar os números e dizer que as pessoas é que interessam. Mas, sem melhores números, as pessoas que queremos proteger vão continuar sempre com os mesmos problemas e estaremos cada vez mais para trás nos rankings de desenvolvimento.

Precisamos de menos Estado e mais iniciativa privada, precisamos de menos impostos e mais crescimento, precisamos de mais competência e menos mediocridade. Nem precisamos de ser originais, basta colher inspiração no que os outros fazem bem e adaptar a Portugal.

Devíamos considerar reduzir significativamente o IRC, para que mais empresas escolham Portugal como destino. IRC mais baixo equivale a mais investimento, mais rendimento para os portugueses e equilíbrio da receita fiscal numa perspetiva consolidada. Sem empresas não há emprego nem se cria riqueza.

Devemos exigir um Estado eficiente, cumpridor e consciente de que a sua função é servir o cidadão e não o contrário. Deixemos o passado e discutamos o futuro. **E**

O rendimento dos portugueses estagnou face à média dos países da União Europeia nos últimos 25 anos e está abaixo dos níveis de 1995